

10

Identidade, Afetividade
e as Mudanças Relacio-
nais na Modernidade
Líquida na Teoria de

Zygmunt Bauman

Paolo Cugini

Doutor em Filosofia
(Bologna-Itália), pároco de
Tapiramutá-BA e professor
de filosofia da religião
na FAFS (Faculdade
Arquidiocesana de Feira
Santana-BA). E-mail:
pacugini@yahoo.com.br

ABSTRACT RESUMO RESUMEN ABSTRACT

resumo	<p>O artigo visa analisar a teoria sociológica de Zygmunt Bauman, sobretudo no que concerne à mudança nos relacionamentos afetivos que a pós-modernidade líquida está proporcionando. Depois de ter apresentado o novo quadro cultural que Bauman define como “modernidade líquida”, o artigo entra no cerne da questão, analisando a nova idéia de identidade que a cultura pós-moderna propõe, parando a atenção em algumas figuras típicas da modernidade líquida que Bauman analisa ao longo da sua obra: o refugio, o turista e o vagabundo. O artigo termina, apresentando um rápido esboço das idéias sobre a religião na modernidade líquida que Bauman oferece nas suas últimas obras.</p> <p>Palavras-chave: moderno, identidade, pós-moderno, afetividade, relacionamento.</p>
abstract	<p>This article seeks to analyse the sociologic theory of Zygmunt Bauman, above all through the change in the affective relationships that the liquid post modernity proposes. After introducing the new cultural view that Bauman defines as “liquid modernity”, the article brings up into question the analyzes of the new idea of identity that the postmodern culture presents, paying attention on some typical personalities of liquid modernity that Bauman analyses alongside his work: the refuse, the tourist and the vagabond. The article finishes introducing a quick view of ideas about religion in liquid modernity that Bauman presents in his last works.</p> <p>Key words: modern, identity, postmodern, affectivity, relationship.</p>
resumen	<p>El artículo busca analizar la teoría sociológica de Zygmunt Bauman, especialmente en lo que respecta al cambio en las relaciones afectivas que la pos-modernidad líquida está proporcionando. Después de haber presentado el nuevo cuadro cultural que Barman define como “modernidad líquida”, el artículo entra en lo que es esencial analizando la nueva idea de identidad que la cultura pos-moderna nos propone, llamando la atención para algunas figuras típicas de la modernidad líquida que Barman analiza en toda su obra: la marginal, el turista y el vagabundo. El artículo acaba presentando un esbozo rápido de las ideas sobre la religión en la modernidad líquida que Bauman ofrece en sus últimas obras.</p> <p>Palabras-clave: moderno, identidad, pos-moderno, afectividad, relaciones</p>

Introdução

Viver neste mundo sempre mais complexo está se tornando uma tarefa difícil a se realizar. As mudanças rápidas e radicais que aconteceram nas últimas décadas – e continuam acontecendo – estão nos deixando sempre mais desorientados e, até mesmo, perdidos. Buscamos uma firmeza que não encontra mais amparo naqueles valores considerados eternos. Sonhamos um mundo no qual o futuro é difícil de ser vislumbrado. Sentimos a dificuldade de abrir mão da velha aparelhagem moderna de idéias seguras e pré-formadas que, por séculos, orientavam nossos passos. Talvez seja, como profetizava, no século passado, o filósofo francês Jean Paul Sartre, o medo de viver até as mais profundas conseqüências a nossa liberdade. De qualquer forma, porém, a humanidade sente uma geral dificuldade de encontrar pontos de referências que possam garantir-lhe serenidade. O instinto de sobrevivência, que necessita de segurança, bate toda hora contra o muro de um mundo que se tornou inseguro. Percebemos que novos atores estão passando no palanque da história, mas não conseguimos detectá-los, tão rápida é a passagem deles.

Uma atitude tipicamente humana consiste em pensar, para compreender aquilo que está acontecendo. Neste mundo das mudanças rápidas e, às vezes, imprevisíveis, também esta atitude parece ter sido afetada inexoravelmente. Apesar disso, parar para refletir sobre estas mudanças é o objetivo do presente artigo. Tentaremos a busca de respostas que possam nos ajudar a interpretar este mundo tão complexo, folheando as páginas de um dos autores da atualidade que há décadas está oferecendo idéias e chaves de interpretação plausíveis: Zygmunt Bauman¹.

Um mundo líquido

Liquidez é a metáfora que Bauman utiliza para explicar o sentido da pós-modernidade. A crise das ideologias fortes, “pesadas”, “sólidas”, típicas da modernidade produziu, do ponto de vista cultural, um clima fluido, líquido, leve, caracterizado pela precariedade, incerteza, rapidez de movimento.

Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade [...] Enquanto os sólidos têm dimensões especiais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la. (BAUMAN, 2005a, p.8).

Se, na modernidade, as ideologias elaboradas tinham a pretensão de serem abrangentes, exaustivas e, sobretudo orientativas, não é as-

sim pela cultura elaborada na pós-modernidade, na qual tudo flui de um jeito extremamente rápido, de uma forma que, aquilo que era certo ontem, hoje não é mais. Neste mundo líquido, assistimos a algumas passagens importantes, que marcam o novo clima cultural. A primeira passagem é de uma vida segura para uma vida precária. “A vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante.” (BAUMAN, 2005b, p.8). Se a modernidade oferecia um leque de ideologias fortes, que produziam uma segurança existencial nas pessoas que nelas confiavam, neste mundo líquido não é mais assim. O desmoronamento das metanarrações da modernidade trouxe consigo a perda de pontos referenciais válidos, que pudessem oferecer segurança na vida das pessoas. A precariedade, de agora em diante, tornou-se não apenas um dado cultural mas, sobretudo, social, porque não foram apenas ideologias a desmanchar, mas também estilos de vida, costumes.

As preocupações mais intensas e obstinadas que assombram este tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar passar as datas de vencimento, ficar sobrecarregado de bens agora indesejáveis, perder o momento que pede mudança e mudar de rumo antes de tomar o caminho de volta (BAUMAN, 2005b, p.9).

Precário é o homem, que se sente inseguro não apenas para o trabalho – que não é mais fixo –, mas também pelo medo das pessoas novas que estão enchendo as cidades ocidentais, pela ameaça do terrorismo, pelo medo de não conseguir acompanhar as novidades tecnológicas. Existe um mundo em contínuo movimento, extremamente rápido, que deixa qualquer pessoa na constante preocupação de manter o ritmo das mudanças, de não ficar de fora dos acontecimentos. Esta vida precária, sem nenhum tipo de segurança, que obriga as pessoas a mudar continuamente de situações, é o novo estilo de vida da sociedade líquida.

Outra passagem que marca a modernidade líquida é a seguinte: de uma sociedade que acredita na eternidade para uma que vive a infinitude. A eternidade é, sem dúvida, um conceito de cunho religioso que, do ponto de vista filosófico, pode ser colocado entre as ideologias que a modernidade assumiu e que, ao mesmo tempo, orientou a vida dos homens modernos. A infinitude é o tempo presente protelado, esticado. “O dia de hoje pode-se esticar para além de qualquer limite e acomodar tudo aquilo que um dia se almejou vivenciar apenas na plenitude do tempo.” (BAUMAN, 2005b, p.15).

Não se fala mais de valores eternos, mas sim de eventos que se repetem no tempo. Também porque os valores eternos são fundamentados sobre aqueles princípios metafísicos que, na pós-modernidade, não encontram mais espaço. O infinito, que substitui o conceito de

1

Zygmunt Bauman (1925-) de origem polonesa, é um dos sociólogos e filósofos mais conceituados da atualidade. Nos últimos anos a sua reflexão se concentrou na análise das conseqüências da globalização. Bauman é professor emérito de sociologia nas Universidades de Leeds e de Varsóvia.

2

É por essa razão que o advento da sociedade líquido-moderna significou a morte das principais utopias da sociedade e, de modo mais geral, da idéia de “boa sociedade”(BAUMAN, 2005, p. 19).

eternidade, não é de cunho metafísico, mas sim existencial. O infinito pode ser, assim, entendido como uma série contínua de tempos presentes, sem precisar hipotetizar improváveis mundos futuros, mas simplesmente aceitar o contínuo movimento do tempo. O tempo fluido pós-moderno não precisa mais de eternidade pelo simples fato que desmoronou o equipamento conceitual, ou seja, a metafísica, que amparava esta ideologia. Do outro lado, não podemos também sustentar que a idéia de tempo fluido retoma a velha concepção filosófica do mito do eterno retorno (ELIADE, 1999), ligado à natureza. Nada de filosófico ou de esotérico vive o homem pós-moderno, mas é a exploração paroxística de tudo aquilo que o evento presente pode oferecer. É a protelação destes eventos que rende o tempo infinito, sem nenhuma ligação com aquilo que o precede e também com o evento sucessivo.

Na análise de Bauman, duas características fazem da modernidade líquida algo de novo e diferente, comparado ao modelo cultural anterior. A primeira é o desmoronamento da antiga ilusão moderna, ou seja:

Da crença de que há um fim do caminho em que andamos, um tólos alcançável da mudança histórica, um Estado de perfeição a ser atingido amanhã, no próximo ano ou no próximo milênio, algum tipo de sociedade boa...da ordem perfeita em que tudo é colocado no lugar certo [...] do completo domínio sobre o futuro (BAUMAN, 2005a, p.37).

Talvez seja este o sentido mais profundo, do ponto de vista filosófico, da metáfora da liquidez, que Bauman analisa em várias circunstâncias¹. A sociedade líquida não desceu do céu, não se produziu do nada, improvisadamente, mas foi o fruto maduro do desmoronamento da modernidade, ou seja, do processo do derretimento dos sólidos formados e elaborados na modernidade. Entre eles, Bauman coloca a filosofia da história, a possibilidade de calcular o futuro a partir dos dados presentes. Nisso ele se aproxima às teorias dos maiores teóricos da pós-modernidade, ou seja, Lyotard, Vattimo e Rorty, que apontam, nas ideologias da modernidade, o cerne de toda uma elaboração racional que, por séculos, se esforçou para determinar o futuro da humanidade, pagando o preço salgado de forçar a realidade presente².

Que as ideologias modernas não eram nada mais que o fruto de uma elaboração conceptual desvinculada da realidade, foi a história a demonstrá-lo. Bauman, em várias páginas da sua obra, cita eventos que marcaram o século passado e que estão na base do desmoronamento das ideologias modernas. Antes de tudo, o holocausto e o fracasso do modelo econômico liberal proposto no Ocidente. As grandes massas migratórias de pobres em busca de condições de vida melhores são a clara manifestação de algo de errado nos cálculos perfeitos dos economistas ocidentais. Como veremos nas páginas suces-

sivas, ninguém pode calcular o desastre econômico e cultural que a globalização está produzindo.

A segunda característica que, segundo Bauman, marca o novo contexto cultural é a desregulamentação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes. Na modernidade líquida, não existem mais valores sociais, mas individuais. Aquilo que, na modernidade, era considerado tarefa da coletividade, da sociedade, foi transferida para o indivíduo. De agora em diante, vale somente aquilo que interessa para o indivíduo. Ninguém quer gastar mais o seu tempo para que os valores sociais sejam alcançados e realizados: vale somente o interesse individual. É esta a lógica do mercado que afeta a vida política e as atitudes da vida corriqueira. “As esperanças de aperfeiçoamento, em vez de convergir para grandes somas nos cofres do governo, procuram o troco nos bolsos dos consumidores,” (BAUMAN, 2005a, p.47).

Esta segunda importante transformação – da socialização à individualização – que, segundo Bauman, marca fortemente a modernidade líquida, afeta não apenas a cultura, mas também e, talvez, sobretudo, a vida corriqueira do homem pós-moderno.

Amor e afetividade líquidos

Nesta sociedade líquida, transformada pelo mercado, que rendeu qualquer coisa do valor da mercadoria de consumo, também os valores mais importantes da vida passam pelo mesmo processo de materialização. Assim, o amor, nesta cultura consumista, é tratado à semelhança de outras mercadorias. Se, tudo muda tão rapidamente e a velocidade é o clima existencial em que o mundo está, que sentido tem investir em algo de duradouro? Se, as ideologias da modernidade estão todas fracassadas, por que investir tempo e energia em algo que passa rapidamente? Bauman é o primeiro sociólogo que tenta transferir a análise filosófica da pós-modernidade nas entranhas da vida existencial, analisando os efeitos disso na vida corriqueira, sobretudo naquilo que de mais envolvente afeta a humanidade, ou seja, os afetos, os sentimentos, numa palavra, o amor.

“O amor é uma hipoteca baseada num futuro incerto e inescrutável” (BAUMAN, 2003, p.23). Esta frase revela, em síntese, toda a força da análise que Bauman apresenta sobre o amor e os afetos humanos, naquele que talvez tenha se tornado seu livro mais famoso: “Amor líquido”. O problema do tempo que, na modernidade, foi resolvido passando por cima da realidade, através das construções racionais chamadas de ideologias, que não eram nada menos que violações da realidade, que permitiam prender o presente para organizar e planejar o futuro, agora, no mundo líquido, inseguro, onde todas as ideologias modernas esfacelaram, tudo se torna mais difícil de calcular, hipotetizar, projetar. Por isso, num contexto de insegurança como o

3

Por estas análises o filósofo francês C. Péguy é ainda um dos mais profundos, cf. em modo especial; **Oeuvres em prose complètes I-III** Paris 1987-1992. Cf. Também: FINKELKRAUT A., **Péguy lê mécontemporain. Lecteur du monde moderne**, Paris 1992; MEULEMBERG L. C. **Péguy e o mundo moderno**, Atualização nº 318, janeiro 2006, p.43-58.

4

“Ao longo prazo as promessas de compromisso são irrelevantes [...] como outros investimentos, elas alternam períodos de alta e de baixa... Não assumo nem exigia compromissos. Deixe as portas sempre abertas” (BAUMAN, 2005c, p. 36).

5

“Anthony Giddens declarou brilhantemente que a antiga idéia romântica de amor com uma parceira exclusiva “até a morte nos separe” foi substituída, no decorrer da libertação individual, pelo “amor confluyente”- uma relação que só dura enquanto permanecer a satisfação que traz a ambos os parceiros, e nem um minuto mais. No caso dos relacionamentos, você deseja que a “permissão de entrar” venha acompanhada da “permissão de sair no momento em que não veja mais razão para ficar” (BAUMAN, 2005c, p. 72).

atual, também a vida afetiva é condicionada, afetada. “Comprometer-se com um relacionamento, “irrelevante ao longo prazo”, é uma faca a dois gumes. Faz com que manter ou confiscar o investimento seja uma questão de cálculo e decisão” (BAUMAN, 2003, p. 30)³.

Investir em algo inseguro é desgastante e, sobretudo, inútil. A comercialização e a materialização dos setores da humanidade proporcionada pela modernidade alcança, nesta época líquida, o seu máximo de possibilidade e, sobretudo, torna-se abrangente. Bauman utiliza uma definição de Catherine Jarvie, jornalista inglesa, para expressar melhor o sentido das relações afetivas na pós-modernidade: relações de bolso. Estas são bem sucedidas quando são doces e de curta duração. Uma “relação de bolso” é a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade. Bauman aponta duas condições para os “relacionamentos de bolso” funcionarem. “Primeira condição: deve-se entrar no relacionamento plenamente consciente e totalmente sóbrio. Lembre-se: nada de amor à primeira vista aqui” (BAUMAN, 2003 p.37). A única coisa que conta é a convivência e, para isso, é necessária uma cabeça fria. É o fim de qualquer tipo de paixão e de envolvimento emotivo que possam colocar em risco o futuro das pessoas envolvidas. “Não se deixe dominar nem arrebatar, e acima de tudo não deixe que lhe arranquem das mãos a calculadora” (BAUMAN, 2003, p.37). Num mundo inseguro, é extremamente arriscado investir a própria existência em relacionamentos afetivos ao longo prazo, e isso porque os afetos mudam, são incontrolláveis⁴.

A segunda condição para que um “relacionamento de bolso” possa funcionar é manter o relacionamento do jeito que é. “Lembre-se de que não é preciso muito tempo para que a convivência se converta no seu oposto [...] Não deixe que o relacionamento caia do bolso, que é seu lugar”. (BAUMAN, 2003, p.43). Mais uma vez, palavras em aparência estupefacentes, que aparentam uma forte insensibilidade mas, na realidade, Bauman tenta, simplesmente, explorar o mais possível a análise existencial da nova situação cultural, apelidada por ele de “líquida”. O hoje da pós-modernidade não é mais o tempo dos cálculos hipotéticos, das projeções num futuro extremamente incerto e nada claro. É por isso que o autor insiste tanto sobre a necessidade de não prestar atenção ao lado das emoções, dos afetos, do amor, ou seja, para toda aquela dimensão humana extremamente vulnerável e, sobretudo, mutável e dinâmica, que pode, constantemente, colocar em xeque a própria vida, a própria liberdade⁵. A proposta de Bauman, então, não orienta-se mais para ligações eternas, que ninguém pode mais garantir, mas, sim, momentâneas, que duram o tempo necessário e que, logo, podem ser desfeitas.

Assim viver juntos [...] ganha o atrativo de que carecem os laços de afinidade. Suas intenções são modestas, não se prestam juramentos, e as declarações, quando feitas são destituídas de solenidade, sem fios que prendam nem mãos

6

“Meu desejo de amar e ser amado só pode se realizar se for confirmado por uma genuína disposição a entrar no jogo para o que der e vier, a comprometer a minha própria liberdade, caso necessário, para que a liberdade da pessoa amada não seja violada” (BAUMAN, 2005, p. 69).

dadas (BAUMAN, 2003, p.47).

Viver junto como marco dos novos relacionamentos afetivos da modernidade líquida envolve, também, o sentido da família. Se, de fato, até a modernidade, a família era, sem dúvida, um pilar fundamental da sociedade e os filhos, o fruto mais maduro disso, não é assim no mundo líquido pós-moderno. Se nada tem substância, se tudo é fluido, e os valores, assim chamados de espirituais, nem têm mais força no novo contexto cultural, isso afeta também a família. Por isso, segundo Bauman:

Os filhos estão entre as aquisições mais caras que o consumidor médio pode fazer ao longo de toda a vida [...] Ter filhos significa avaliar o bem-estar de outro ser, mais fraco e dependente, em relação ao nosso próprio conforto (BAUMAN, 2003 p.60).

Um filho limita as ambições pessoais, limita a liberdade de ação, pode até querer dizer sacrificar uma carreira. Ter filhos significa aceitar uma dependência de fidelidade por um tempo indefinido e isso é motivo de ansiedade, insegurança⁶. E, assim, mais uma vez, Bauman frisa que, nos compromissos duradouros, a modernidade líquida enxerga a opressão, no engajamento permanente, uma dependência indesejada. A vida consumista exige uma contínua novidade, devido à leveza e velocidade que ela favorece.

Se os relacionamentos humanos são equiparados ao nível da mercadoria e tudo é visto sob a óptica do consumo, então tudo deve ser mudado continuamente, pois a novidade vai progressivamente se desvanecendo e se apagando. Isso se torna ainda mais visível e, de uma certa forma, compreensível no mundo das novas tecnologias.

Uma chamada não foi respondida? Uma mensagem não foi retomada? Também não há motivo para preocupação. Existem muitos outros números de telefone na lista [...] Há sempre mais conexões para serem usadas e assim não tem grande importância quantas delas se tenham mostrado frágeis e passíveis de ruptura (BAUMAN, 2003 p.79).

O advento da proximidade virtual tornou as conexões humanas ao mesmo tempo mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. É impossível que estas conexões demasiadamente breves se transformem em laços duradouros. Estes contatos “virtuais” exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos e também para serem interrompidos. A proximidade virtual “pode ser encerrada, real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão” (BAUMAN, 2003, p.78). No mundo fluido onde os valores são de natureza cambiante e as regras instáveis, o máximo que deve ser feito nos relacionamentos afetivos é reduzir riscos, evitar a perda de opções que se traduz na capacidade de terminar quando se deseje. O amor,

7

"A depressão e as crises conjugais pós-parto parecem enfermidades específicas da nossa modernidade líquida, da mesma forma da anorexia, a bulimia e incontáveis variedades de alergias"(BAUMAN, 2003, p. 61).

os afetos não devem produzir repercussões desagradáveis no mundo real, que é o mundo do consumo⁷.

A mudança que a modernidade líquida está provocando nos relacionamentos afetivos e na maneira de considerar o amor está afetando também, segundo Bauman, a possibilidade de amar o próximo. Esta dificuldade está ligada à nova situação que, no mundo Ocidental, se criou por causa das grandes migrações, por meio das quais milhões de pessoas emigram dos países pobres em busca de condições de vida melhor nos países ricos. E, assim, os migrantes são considerados "forasteiros", "estranhos", "diversos", "desconhecidos", que produzem medo. Lidar com os "estranhos" está se tornando o grande problema dos moradores das cidades dos países ricos, que não sabem como lidar com tantas pessoas "diferentes". Em várias circunstâncias e em vários livros, Bauman analisa esta nova situação que afeta o mundo ocidental. Em "Amor líquido", o autor tenta aprofundar o sentido que esta estranheza provoca no valor antigo da acolhida, do respeito do estrangeiro, no mandamento evangélico de amar o próximo.

Se você não for mais duro e menos escrupuloso do que todos os outros será liquidado por eles, com ou sem remorso. Estamos de volta à triste verdade do mundo darwiniano: é o mais apto que invariavelmente sobrevive. Ou melhor, a sobrevivência é a derradeira prova de aptidão (BAUMAN, 2003 p. 110).

Segundo Bauman, é o Holocausto a experiência trágica que transformou negativamente a humanidade, pois, nesta época, ela experimentou um nível impressionante e nunca visto antes no que diz respeito às formas mais horripilantes de humilhar o outro. Nessa época, se inventou uma série impressionante de dores pelas quais se pode infligir os mais fracos, a fim de afirmar a própria força, gerando, assim, uma reação igual e contrária, ao mesmo tempo. "Como escapar à dor e a humilhação? A forma natural é matar ou humilhar seu algoz ou benfeitor. Ou encontrar outra pessoa mais fraca para triunfar sobre ela" (BAUMAN, 2003, p. 110).

O processo de humilhação do outro desencadeado durante o Holocausto está se espalhando pela humanidade e se insinuando no relacionamento entre moradores das cidades ocidentais e pessoas provenientes dos países mais pobres. O outro é sempre percebido como mais uma ameaça à própria liberdade e à própria segurança e, por isso, são sempre ativadas todas as formas possíveis de defesa que visam ao distanciamento do intruso, do estrangeiro, do hóspede não convidado. É isso que Bauman chama de mixofobia, que se manifesta "no impulso que conduz a ilhas de semelhança e mesmidade em meio a um oceano de variedade e diferença" (BAUMAN, 2003, p. 133).

Estamos num mundo no qual as diferenças estão sempre mais acentuadas, e o medo do outro, diferente, estrangeiro, chegou ao ponto de virar e produzir doença. A modernidade líquida está se

transformando num mundo onde as pessoas se fecham em si mesmas, buscando o mais possível do proveito e distanciando-se sempre mais dos outros.

A nova identidade e as figuras líquidas

Que tipo de identidade vivem as pessoas no mundo líquido? É a essa pergunta que Bauman busca uma resposta ao longo da sua análise sociológica. Numa entrevista concedida ao jornalista italiano Benedetto Vecchi, publicada num livro de título “Identidade”, o autor aponta algumas indicações sobre o assunto em questão. “Nesse nosso mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo a gente, é um negócio arriscado. As identidades são para usar e exibir, para armazenar e manter” (BAUMAN, 2005c, p.96). Tudo aquilo que foi inculcado nos séculos passados, seja para instituições religiosas, seja para entidades filantrópicas ou até ideológicas, ou seja, estruturar a própria existência sobre alguns valores considerados eternos e fundamentadas pelos costumes e pela cultura de uma particular sociedade, na modernidade líquida é considerado negativo. Se o problema, neste mundo fluido das rápidas mudanças, é sobreviver, então ninguém pode se permitir o luxo de ficar fixo a vida toda no mesmo esquema de valores. Manter-se fiéis à lógica da continuidade, apegar-se às regras como método para formar uma identidade forte, não é mais aconselhável para ninguém, pelo menos neste mundo líquido. Aquilo que está acontecendo em nível social é uma mudança tão abrangente e tão radical que envolve os dados básicos que nortearam a sociedade por muitos séculos. São as estruturas “sólidas” que estão se derretendo, aquelas estruturas que, por muito tempo, forneceram o pano de fundo cultural, institucional e até psicológico para a formação da identidade pessoal. É uma passagem epocal, a passagem da fase “sólida” à fase “fluida”: “E os fluidos são assim chamados porque não conseguem manter uma forma por muito tempo e, ao menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças” (BAUMAN, 2005c p. 57).

Para explicar aquilo que, em aparência, pode até parecer esquisito, o autor cita a entrevista publicada pela revista “Esprit”, em 2002, de Philippe Robert, na qual o pensador ressaltava a permanência, por muitos séculos, do mesmo jeito de se relacionar. Os relacionamentos sociais eram concentrados nos domínios da proximidade. Para explicar isso, Philippe Robert mostra que, por exemplo, viajar de Paris a Marselha no século XVIII durava o mesmo tempo quanto na época do Império Romano. Para a maioria das pessoas, a “sociedade” se identificava com os vizinhos de casa. A revolução industrial e dos

8

Os usuários dos recursos de namoro on-line podem namorar com segurança, protegidos por saberem que sempre podem retornar ao mercado para outra rodada de compras” (BAUMAN, 2003, p. 85).

transportes modificou em pouquíssimo tempo esta mentalidade milenária, provocando mudanças radicais na maneira de se relacionar das pessoas e, como consequência, de entender a “sociedade”. “As margens incharam rapidamente, invadindo as áreas centrais de coabitação humana. De súbito, era preciso colocar a questão da identidade, já que nenhuma resposta óbvia era oferecida” (BAUMAN, 2005c, p. 57).

Nessa altura percebe-se que o problema da identidade não é apenas algo que tem que ver com a esfera subjetiva da pessoa, mas é extremamente ligado ao contexto social no qual a pessoa é inserida. Foi na época moderna que nasceu a idéia de identidade nacional, ligada ao estado, idéia que Bauman critica bastante por considerá-la fruto da ideologia, algo imposto e não natural, ou seja, “não foi um ato de vida auto-evidente. Esta idéia foi forçada” (BAUMAN, 2005c, p.26). Como todos os exageros da época moderna, assim como os profetas da pós-modernidade há tempos ressaltam, também a idéia de Estado explodiu, não agüentando o impacto do advento da globalização. Os indivíduos que não se identificam mais e que, segundo Bauman, nunca se identificaram com a estrutura do Estado Moderno, buscam hoje novas comunidades⁸ onde podem sentir uma pertença, uma nova identidade. É o fenômeno das “comunidades virtuais”, nas quais as pessoas se entregam em busca de relacionamentos que a sociedade fluida pós-moderna não oferece mais, pelo menos não oferece com a qualidade que oferecia quando o mundo era ainda “lento”. O problema é que os laços humanos tecidos nestas novas comunidades virtuais não permitem a formação de uma identidade saudável.

Absortos em perseguir e capturar as ofertas do tipo “entre agora” que piscam nas telas do computador, estamos perdendo a capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais [...] Tampouco podem essas “comunidades virtuais” dar substância à identidade pessoal - a razão básica para procurá-las. Pelo contrário, elas tornam mais difíceis para as pessoas chegar a um acordo com o próprio eu (BAUMAN, 2005c, p. 31).

Se as novas comunidades, assim com Bauman analisa, não oferecem uma solução plausível para a formação substancial da identidade, do outro lado, o mundo líquido exige dos indivíduos uma contínua mudança de hábitos. A pós-modernidade oferece para os indivíduos um leque de propostas infinitas, que a humanidade nunca viu. Permanecer fixo, com uma identidade fixa, neste mundo rápido e fluido, não é aconselhável. A liquidez exige dos indivíduos a capacidade de não se deixar identificar. Quem é identificado, é perdido. O anseio da identidade vem do desejo de segurança. Este anseio pode ser positivo num mundo estável, mas, numa realidade em contínua mudança, não é uma perspectiva muito atraente. Tudo aquilo que estamos apresentando é claramente ligado com o parágrafo anterior, no qual analisávamos os efeitos da modernidade líquida nos relacio-

9

Bauman dedica muitas páginas da sua obra ao relacionamento entre indivíduo e comunidade. Sobre esse tema cf. SOCZEC, Daniel, **Comunidade, utopia e realidade: uma reflexão a partir do pensamento de Zygmunt Bauman**, Revista de Sociologia e Política, Curitiba, Novembro 2004, pp. 175-177.

10

Nessa perspectiva, é bom salientar que Bauman em "Ética da pós-modernidade" dialoga bastante com o filósofo Levinas que, sobre o valor do rosto do outro, produziu uma importante reflexão (cf. BAUMAN 1999, pp. 75-92).

namentos afetivos. A identidade pessoal não se constrói de forma isolada, mas na sociedade e, nela, os relacionamentos afetivos têm importância fundamental. Se, então, na sociedade líquida, é difícil formar uma identidade pessoal através de relacionamentos afetivos de qualidade, "você tende a procurar a redenção na quantidade. Se os compromissos, incluindo aqueles em relação a uma identidade particular, são 'insignificantes', você tende a trocar uma identidade, escolhida de uma vez para sempre, por uma 'rede de conexões'" (BAUMAN, 2005c, p. 36).

O drama de tudo isso é que, na maioria dos casos, não percebemos que estamos substituindo os poucos relacionamentos profundos por uma profusão de contatos pouco consistentes e superficiais. O rosto pessoal é substituído pela tela impessoal⁹. Na formação da identidade pessoal, o outro, o rosto do outro é um apelo constante, um chamado que nos alerta, nos questiona, nos obriga a interagir. É esta interação tão importante no desenvolvimento da identidade pessoal que, no mundo líquido, está sendo descartada, substituída. A modernidade líquida proporciona um mundo de relacionamentos reduzidos, diálogos impessoais que dificultam a formação de uma identidade não entendida como sentido fixo, mas como desenvolvimento dinâmico devido à bondade dos relacionamentos interpessoais ativados ao longo da vida¹⁰.

Uma última análise que Bauman proporciona sobre o tema da identidade é a sua ligação com a liberdade pessoal. Se é verdade que cada pessoa almeja a liberdade e que uma identidade sadia se forma num clima de liberdade, é importante vasculhar as condições de possibilidade que a modernidade líquida oferece para as pessoas, ou seja, até que ponto as pessoas que vivem no mundo pós-moderno são livres para formar a própria identidade. Segundo Bauman, o mundo hoje é dividido entre as pessoas que podem escolher a própria identidade e aquelas que não podem. Hoje em dia, existe um número impressionante de pessoas que têm negado o direito de reivindicar uma identidade distinta da classificação atribuída e imposta.

São as pessoas recentemente denominadas de "subclasses" exiladas nas profundezas além dos limites da sociedade - fora daquele conjunto no interior do qual as identidades podem ser reivindicadas e, uma vez reivindicadas, supostamente respeitadas (BAUMAN, 2005c, p. 45).

Bauman dedica muitas páginas da sua laboriosa produção sociológica para analisar este novo fenômeno tipicamente pós-moderno, dos milhões de pessoas que ficam às margens da sociedade não pelo fato que não querem entrar, mas porque são recusadas, excluídas, impossibilitadas de entrar. Em várias maneiras e de vários modos, o sociólogo polonês apelida as pessoas da subclasse gerada pelo novo sistema globalizante: refugos, vagabundos, refugiados. Para melhor

11

Sobre este assunto cf.
MOUNIER, Emmanuel.

Trattato del Carattere,

Cinisello Balsamo:
Paoline, 2005.

entender o novo tipo de identidade que a modernidade líquida está produzindo, iremos aprofundar algumas destas figuras apontadas por Bauman.

O refugio

“A mente moderna nasceu justamente com a idéia que o mundo pode ser transformado. A modernidade refere-se à rejeição do mundo tal como ele tem sido até agora e a decisão de transformá-lo” (BAUMAN, 2005d, p. 93). É um marco típico da cultura Ocidental olhar o mundo para transformá-lo, acreditando que a idéia elaborada racionalmente na mente não apenas é melhor que a mesma realidade, mas pode até ser reproduzida na realidade. É a presunção do homem que se considera melhor do que mesmo o Criador, pois quer recriar o mundo a partir dos seus sonhos, dos seus projetos. Imprimir no mundo um projeto, uma idéia, é o caminho que a modernidade percorreu nos últimos séculos e que tantos refugos produziu. O exemplo mais expressivo de tudo isso, para Bauman, é Michelangelo, o grande escultor do Renascimento italiano que, indagado sobre como conseguia realizar esculturas tão bonitas, respondia: “É simples. É só você pegar um bloco de mármore e cortar todos os pedaços supérfluos” (BAUMAN, 2005d, p. 31).

É possível construir o mundo a partir do projeto elaborado, pensado. A natureza pode ser transformada, moldada. É claro que isso produz restos, lixo, algo que deve ser descartado, pois, onde há projetos, há refugos. Na visão sociológica de Bauman, o processo de transformação pode ser aplicado ao mundo globalizado que, na sua empolgação compulsiva para produzir bem de consumo está, ao mesmo tempo, produzindo um número impressionante de lixo. O mundo ocidental pode ser lido a partir destas categorias não muito simpáticas, mas extremamente reveladoras. O lixo ao qual Bauman se refere não é apenas no sentido material, mas, sobretudo, humano. São milhões de pessoas que o mundo Ocidental evoluído trata como lixo, como algo indesejável, que deve ser descartado. A modernidade está elaborando um mundo para poucos¹¹. A força ideológica imprimida na realização do projeto social, que se tornou mais visível no plano econômico, produziu e continua produzindo um número impressionante de refugos, pessoas descartadas, que não se encaixam no projeto. Numa sociedade de consumidores quem não tem dinheiro para adquirir a mercadoria, está fora, atrapalha. Existe, então, toda uma população “excedente”, “supérflua”, que nunca terá chance de fazer parte do mundo pensado, projetado da modernidade. A presença dos refugos nas lindas cidades ocidentais é constante motivo de preocupação e de medo e é prontamente explorada pelos políticos, que, sem tantos escrúpulos, prometem aos eleitores limpar as cidades dos

12

Na análise sobre as conseqüências da globalização Bauman faz constante referências à obra de Anthony Giddens, em modo especial cf.: GIDDENS, A. **O mundo na era da globalização**. Lisboa: Presença, 2000.

“refugos” indesejados. Saindo da metáfora, tais refugos são os imigrantes. “Os imigrantes, em particular, os recém-chegados, exalam o odor opressivo do depósito do lixo que, em seus muitos disfarces, assombra as noites das potencias vitimas da vulnerabilidade crescente” (BAUMAN, 2005d, p. 72).

O “refugio humano” é produzido em quantidade sempre mais crescente. O problema, agora, para “estes produtos rejeitados da globalização”¹², é encontrar um depósito que os acolha. E, assim, no mundo Ocidental progredido, assistimos atônitos à elaboração de políticas segregacionistas mais estritas e medidas de segurança extraordinárias, “para que a saúde da sociedade e o ‘funcionamento normal’ do sistema social não sejam ameaçados” (BAUMAN, 2005d, p. 81). Parece que o único e verdadeiro esforço que as administrações públicas estão realizando para com os imigrantes é aquele de elaborar medidas para neutralizá-los. Os refugos não têm nenhuma condição de colher a própria identidade: são refugos e acabou. Esta é uma das grandes diferenças que a modernidade líquida cria, ou seja, entre aqueles que podem escolher a própria identidade e aqueles que não podem de modo algum, mas que são forçados a “vestir” o marco que os outros colocam sobre eles. Esta é, talvez, a pior conseqüência do mundo dos refugos: a impossibilidade de se libertar de um destino que parece sem possibilidade de mudança.

Turista e vagabundo

“Turistas e vagabundos são as metáforas da vida contemporânea” (BAUMAN, 1998, p. 118). Esta frase, com aparência de conteúdo axiomático, é, na realidade, aquela pela qual Bauman expressou, depois de uma profunda análise da realidade pós-moderna, a busca constante de definir os novos critérios que molduram a idéia de identidade. Antes de buscar uma definição sobre as figuras do turista e do vagabundo como metáforas da modernidade líquida, Bauman esboça, em algumas pinceladas, uma tentativa de filosofia da história que permita colocar e, ao mesmo tempo, vislumbrar melhor, a força da novidade que se manifesta de um jeito tão contundente.

Na modernidade, as pessoas viviam num tempo-espaço entendido como estrutura rígida, sólida, durável, como “um duro recipiente em que os atos humanos podiam achar-se sensíveis e seguros” (BAUMAN, 1998, p. 110). Esta estrutura inalterável, que ditava as normas da identidade pessoal, antecipava toda realização humana e, de certa forma, possibilitava a realização. Este era o mundo da peregrinação que durava a vida toda, onde os peregrinos caminhavam num presente seguro, pois era conhecido o futuro pelo qual estavam a caminho. Este mundo de objetos duráveis foi lentamente substituído por algo descartável. “Num mundo como esse, as identidades podem ser

13

O “refúgio humano” não pode mais ser removido para depósitos de lixo distantes e fixado firmemente fora dos limites da ‘vida normal’. Precisa, assim, ser lacrado em contêineres fechados com rigor” (BAUMAN, 2005d, p.107).

14

“Proibir o passado de se relacionar com o presente. Em suma, cortar o presente nas duas extremidades, separar o presente da história. Abolir o tempo em qualquer outra forma que não a de um ajuntamento solto, ou uma seqüência arbitrária, de momentos presentes: aplanar o fluxo do tempo num presente contínuo” (BAUMAN, 2005d, p. 112).

adotadas e descartadas como uma troca de roupa” (BAUMAN, 1998, p. 112). Nessa nova situação, tudo é feito para que o passado não incida e não condicione o presente; as opções sempre devem ficar abertas e não vinculadas a compromissos ou experiências passadas¹³. A grande qualidade que deve caracterizar as pessoas na modernidade líquida é a adequação, ou seja, a capacidade de se mover rapidamente onde a ação se acha e estar pronto a assimilar experiências quando elas chegam. Mais uma vez, nada de compromissos com um futuro incalculável e totalmente desconhecido. Tudo deve ser feito no presente que, agora, se torna episódio. “O episódio é um evento fechado em torno de si mesmo. Cada novo episódio é, por assim dizer, um começo absoluto, mas seu fim é igualmente absoluto” (BAUMAN, 1998, p.116).

Deve-se adequar ao episódio, à capacidade de desamarrear as rédeas pesadas do passado e destroçar as ideologias para não correr o risco de perder de vista o sentido do tempo, que não é mais encaixado perfeitamente dentro uma história, mas vive solto, sempre disponível a se transformar numa possibilidade nova. Na modernidade líquida, são os turistas e os vagabundos que, mais do que qualquer outros, vivem esta nova situação.

Os turistas que valem o que comem são os mestres supremos da arte de misturar os sólidos e desprender o fixo. Antes e acima de tudo eles realizam a façanha de não pertencer ao lugar que podem estar visitando: é deles o milagre de estar dentro e fora do lugar ao mesmo tempo. O turista guarda sua distância e veda a distância de se reduzir à proximidade (BAUMAN, 1998, p. 114).

Típico do turista é não perder o controle da situação, mas ter sempre a possibilidade de sair fora. O turista é impelido pelos sonhos e se move em busca deles. Por isso, não pode ficar preso a um lugar, mas viver numa mobilidade constante. É a isso que o turista dá o nome de liberdade, autonomia, independência: ninguém pode discutir ou questionar o seu direito de sair do espaço em que atualmente se encontra, em busca de outro. Se a modernidade era caracterizada pela força das raízes que a vida permanente num espaço determinado produzia, todo o contrário deve-se afirmar para o turista. “Só as mais superficiais das raízes, se tanto são lançadas. Só relações epidérmicas, se tanto são iniciadas com as pessoas dos lugares” (BAUMAN, 1998, p. 115).

Se a liberdade, na modernidade líquida, se identifica com a independência e a autonomia, isso leva a viver relacionamentos humanos, leves, sem compromisso, sem envolvimento emocional. Objetivo do turista não é conhecer pessoas que poderiam comprometê-lo no futuro, mas ocupar um espaço momentâneo sem nunca perder de vista o controle da situação¹⁴. As pessoas que o turista encontra no lugar visitado não são nada mais que encontros acidentais, sem nenhuma conseqüência futura. Tudo isso oferece ao turista a sensação tipicamente pós-moderna de “estar sob controle”, que nada perturba sua

liberdade e nada se interpõe na sua vida independente. Também à vida do turista podem ser referidas as considerações feitas a propósito dos relacionamentos afetivos determinados pela nova tecnologia. De fato, a liberdade, por assim dizer, com a qual o turista seleciona os lugares no qual ele entende viver o novo espaço, junto com a escolha das pessoas com as quais entende se relacionar sem compromisso algum:

pode-se chamar de 'controle situacional' [...] Ligar e desligar não deixam no mundo qualquer marca duradoura: na verdade, graças à facilidade com que as chaves funcionam o mundo (como o turista conhece) parece infinitamente flexível, dócil e esboroável. É improvável manter-se qualquer configuração por muito tempo. (BAUMAN, 1998, p.116).

Se é verdade que os turistas viajam porque querem, é também verdade que, na modernidade líquida, nem tudo mundo viaja impelido pelo próprio impulso de liberdade. Milhares de pessoas hoje estão em movimento porque foram impelidos por trás, “tendo sido primeiramente desenraizados por uma força demasiadamente poderosa, e muitas vezes demasiadamente misteriosa, para que se lhe resista” (BAUMAN, 1998, p.117). São esses os vagabundos, forçados a sair contra a própria vontade e liberdade da própria terra, do próprio lar, em busca de condições de vida mais digna. Se o turista, em qualquer lugar por onde anda, é sempre bem aceito e bem visto, não é assim para os vagabundos. De fato, se os turistas se movem porque acham o mundo extremamente atrativo, os vagabundos se mudam de um lugar para o outro porque encontram um mundo excessivamente inóspito. “O vagabundo é o alter ego do turista - exatamente como o miserável é o alter ego do rico, o selvagem o alter ego do civilizado, ou o estrangeiro o alter ego do nativo” (BAUMAN, 1998, p. 118).

É claro que as reflexões sobre o vagabundo que Bauman propõe são intrinsecamente ligadas com aquelas propostas sobre os refugos. A modernidade líquida proporciona uma sociedade sempre mais dividida em dois blocos, um dos quais sempre menor – o dos turistas, ricos, etc. – enquanto o outro, dos refugos, vagabundos, se amplia sempre mais. A vida do vagabundo é a vida de um alter ego, de alguém sem uma identidade específica e que é forçado pela sociedade a recebê-la em sentido negativo, ou seja, como o contrário de algo que a sociedade considera no positivo. A vida do vagabundo é marcada negativamente pelo simples fato de aparecer como um peso pela sociedade, algo de diferente que a sociedade, antes ou depois, fará de tudo para se liberar.

Ser um alter ego significa servir como um depósito de entulho dentro do qual todas as premonições infáveis, os medos inexpressos, as culpas e autocensuras secretas, demasiadamente terríveis para serem lembrados, se despejam; ser um alter ego significa servir como pública exposição do mais íntimo privado, como um demônio interior a ser publicamente exorcizado. (BAUMAN, 1998, p. 118).

Para os vagabundos, assim como para os refugos, a vida na modernidade líquida assume conotações da sobrevivência.

Verdade e religião: líquidos também?

Sobre o tema religião, é bom salientar logo que, nas páginas de Bauman, não se percebe um grande interesse. Inútil seria, então, buscar uma filosofia da religião, quando o autor nunca se prontificou para elaborar isso. De qualquer forma, porém, em vários parágrafos e ao longo da sua obra, Bauman se depara com o fenômeno religioso, oferecendo algumas reflexões que merecem a nossa atenção.

Bauman aborda o tema da verdade do ponto de vista sociológico, ou seja, da forma como os povos a utilizam para alcançar os próprios objetivos. Nada, então, de pesquisa ontológica sobre a essência da religião ou da verdade, mas sim uma concreta análise de como ambas são úteis para manter o povo no eixo. Segundo Bauman, a verdade pertence à retórica do poder. “A disputa acerca da veracidade ou falsidade de determinadas crenças é sempre simultaneamente o debate acerca do direito de alguns de falar com a autoridade que alguns outros deveriam obedecer.” (BAUMAN, 1998, p.143).

O problema da verdade é, portanto ligado ao tipo de relações de superioridade que entre os indivíduos ou entre os povos vem se moldando ao longo dos séculos. Neste sentido, toda teoria da verdade segue o modelo de Platão, segundo o qual só poucos escolhidos conseguem emergir da caverna para enxergar as coisas como elas são verdadeiramente. Ao mesmo tempo, porém, a teoria da verdade é elaborada para mostrar aquilo que os outros não conseguem fazer sem serem guiados pelos poucos iluminados. Na modernidade líquida, esta briga de “iluminados” para garantir o monopólio da verdade parece não ter mais espaço

Porque a possibilidade de que diferentes opiniões podem ser não apenas simultaneamente julgadas verdadeiras, mas ser de fato simultaneamente verdadeiras, a teoria das verdades atualmente no centro da atenção dos filósofos parece ser privada de muito da sua função de disputa (BAUMAN, 1998, p.147).

O efeito da queda das grandes ideologias modernas no campo religioso é a percepção de um mundo plural, de culturas e religiões que não apenas devem ser toleradas, mas que necessitam um espaço vital para se expressar sem censura alguma. Se, na pré-modernidade, a diferença de credo era tolerada, apesar de muitas vezes ter provocado tensões e até guerras, hoje, na modernidade líquida, a pluralidade tornou-se uma necessidade. O problema da identidade, que já analisamos nos parágrafos anteriores e que tanta importância assume na análise de Bauman, vem aqui à tona. A verdade religiosa sempre foi

apresentada como algo de absoluto que o indivíduo devia assumir por toda a vida. Os rituais de iniciação serviam para introduzir as pessoas no contexto da comunidade religiosa, cuja característica é a fidelidade aos valores assumidos. No novo contexto cultural, tudo isso é problemático, pois:

O problema da identidade resulta principalmente da dificuldade de se manter fiel a qualquer identidade por muito tempo, da virtual impossibilidade de achar uma forma de expressão da identidade que tenha boa probabilidade de reconhecimento vitalício, e a resultante necessidade de não adotar nenhuma identidade com excessiva firmeza, a fim de poder abandoná-la de uma hora para outra, se for preciso (BAUMAN, 1998, p. 155).

Nunca, na história, a verdade religiosa encontrou um contexto cultural tão desafiador. A incerteza do estilo pós-moderno, segundo Bauman, não gera a procura da religião, mas sim a busca sempre crescente de especialistas na identidade. As pessoas da modernidade líquida, assombradas pela incerteza que a cultura está gerando, não carecem de pregadores para lhes dizer o que devem fazer.

O fenômeno religioso que, na atualidade, mais chama a atenção de Bauman, é o fundamentalismo. Segundo o autor, o fundamentalismo não tem nada que ver nem com o misticismo, nem com as manifestações da irracionalidade humana, mas é um fenômeno tipicamente pós-moderno. O fundamentalismo consegue desfrutar os desenvolvimentos tecnológicos da modernidade sem pagar o preço salgado que ela exige, ou seja, a agonia do indivíduo condenado à auto-suficiência. O fundamentalismo atrai porque promete libertar os fiéis das agonias da escolha, das agonias da liberdade. Neste sentido, Bauman contradiz a tese comum, que vê no fundamentalismo algo de irracional, pois, segundo ele, o fundamentalismo “é uma oferta de racionalidade alternativa, feita sob a medida para os genuínos problemas que assediam os membros da sociedade pós-moderna” (BAUMAN, 1998, p. 229).

A racionalidade proposta pelo fundamentalismo vai na direção contrária à lógica do mercado. De fato, se o mercado promove a liberdade de escolha, prosperando sobre a incerteza das situações de escolha, pelo contrário, o fundamentalismo assume o peso da escolha individual, legislando em termos seguros e firmes sobre todos os aspectos da vida. A segurança e a certeza são postas em primeiro lugar na visão fundamentalista da vida, por isso, neste mundo inquieto e angustiado, muitas pessoas são atraídas por esta proposta. Segundo Bauman, o fundamentalismo encontra-se hoje presente nas três grandes religiões – cristianismo, judaísmo, islamismo – e é fruto de dois desenvolvimentos. O primeiro é a erosão do cânone rígido que mantinha unida a congregação dos fiéis. Um sinal disso é a proliferação das assim chamadas seitas que, na realidade, são a clara manifestação do desgaste que a essência destas religiões está viven-

15

“Nenhuma ligação de alguma coisa que aconteça hoje para se ligar ao amanhã” (BAUMAN, 2005d, p. 112).

do. O segundo desenvolvimento se encontra no fato que o homem pós-moderno tornou-se um selecionador involuntário e compulsivo minando, desta forma, a autoridade instituída. Tudo isso some no fundamentalismo, que invalida todas as propostas diferentes e recusa qualquer forma de diálogo e discussão, instilando nos fiéis um sentimento de certeza. E, assim, o fundamentalismo “transmite uma confortável sensação de segurança a ser ganha e saboreada dentro dos muros altos e impenetráveis que isolam o caos reinante lá fora.” (BAUMAN, 2005c, p. 93).

Na modernidade líquida, também a religião deve aprender a elaborar novas propostas que saibam encontrar o mundo rápido pós-moderno. Tudo aquilo que cheira velho e obsoleto é destinado a ficar para trás. Isto vale por qualquer fenômeno cultural, também pela religião, qualquer que seja.

Conclusão

Ao longo da sua obra, Bauman não oferece respostas aos problemas que enfrenta, mas sim chaves de leitura. Talvez nem sempre concordamos com a sua análise mas, sem dúvida, as idéias apresentadas nos podem ajudar a compreender melhor o mundo no qual vivemos. Bauman nos alerta não apenas sobre as mudanças culturais que estão acontecendo, mas também sobre os efeitos que estas estão produzindo na vida corriqueira dos relacionamentos, dos afetos e dos sentimentos humanos. Alerta que impele o homem pós-moderno a buscar medidas para que as mudanças tecnológicas e culturais não desvirtuem aquilo que, sem demagogia, pode ser chamado de “projeto homem”. Isso quer dizer que nem tudo aquilo que muda e que pode ser considerado atual, que preenche a cultura contemporânea, deve ser aceito passivamente. Cultura não é sinônimo de virtude: ela exige ser constantemente avaliada e pensada. Estas páginas desejam ser um passo neste caminho.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Ética da pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005a.

_____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005b.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005c.

_____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005d.

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70, 1999.

LYOTARD, F. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Gradiva, 2003.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RORTY, Richard. **Verdade e progresso**. São Paulo: Manole, 2005.